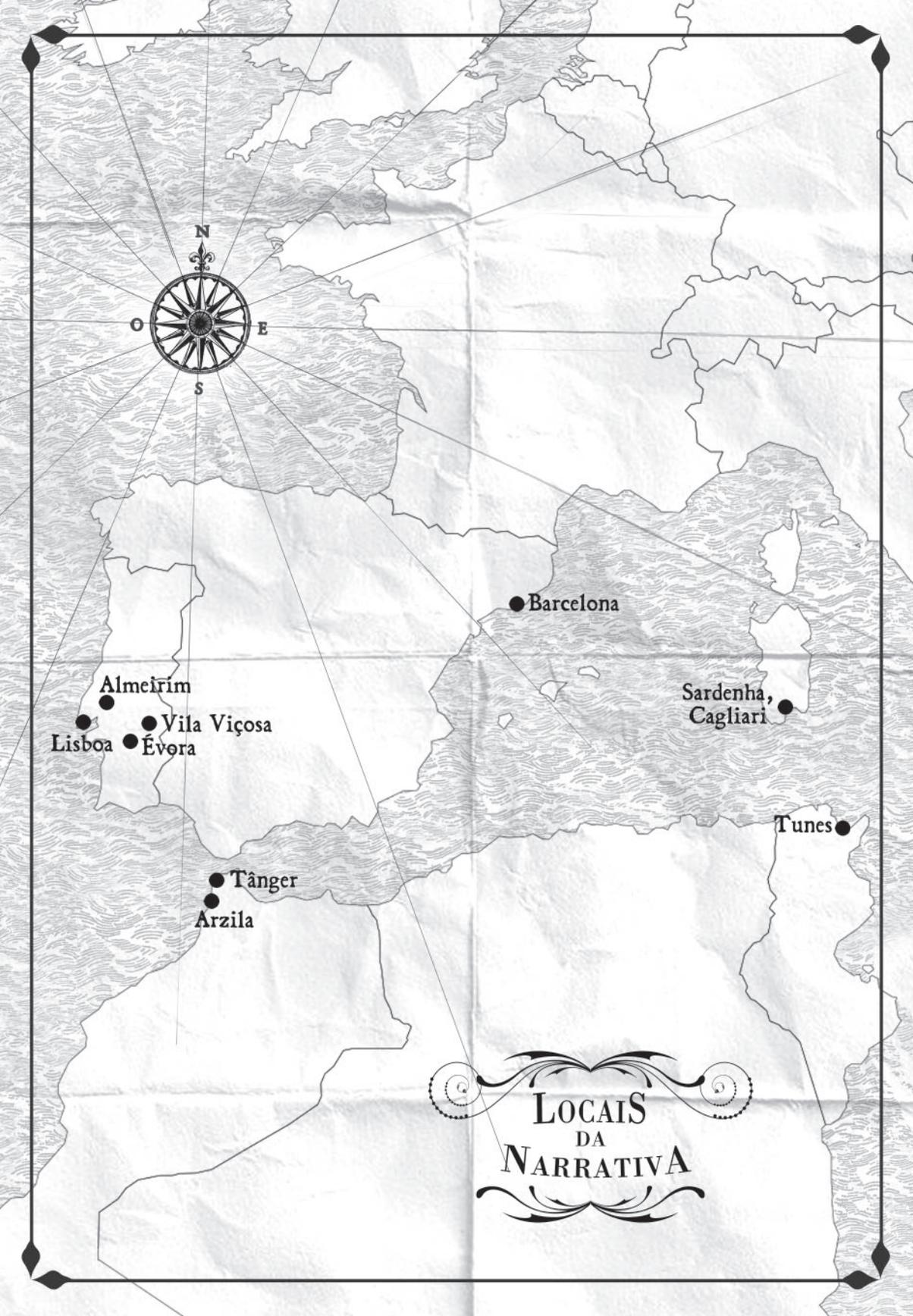


o escravo que se
tornou fidalgo
florbela melhorado



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



N

O

E

S

● Barcelona

Sardenha,
Cagliari ●

Tunes ●

Almeirim ●

Lisboa ● Vila Viçosa ●
Évora ●

● Tânger

● Arzila

LOCALS
DA
NARRATIVA

— P A R A O D I O G O —

*O tempo e o espaço estão ligados, são curvos, não decorrem numa linha reta,
e o que nos percorre pela memória entra-nos pelos olhos, pelo espaço,
é o espaço que nos ocupa a memória, marcado por um tempo,
«quando eu era novo», dita um tempo, mas os olhos vão para um espaço, o lugar, «onde fui novo».
Os capítulos deste livro tendem a indicar onde a memória ocorreu e esse tempo se passou,
visto de perto pelos olhos da memória,
e reconstruído à distância, como no voo de um pássaro,
pelos olhos da alma,
assim vos contarei esta história.*

ÍNDICE



- I- Lisboa ♦ 15
- II- Tânger ♦ 22
- III- Lisboa ♦ 29
- IV- Lisboa ♦ 36
- V- Tânger ♦ 40
- VI- O conde de Tarouca ♦ 42
- VII- A chegada do capitão de Arzila ♦ 48
 - VIII- Ataque a Arzila ♦ 53
 - IX- Almeirim ♦ 63
- X- A armada de Azamor ♦ 67
- XI- A queda da varanda ♦ 71
 - XII- Évora ♦ 83
- XIII- Almeirim ♦ 96
- XIV- Lisboa ♦ 102
- XV- Vila Viçosa ♦ 113
- XVI- Os lutos em Abrantes ♦ 121
 - XVII- Évora ♦ 124
- XVIII- Na taberna do largo de Avis ♦ 130
- XIX- PESCOÇADAS NA PORTA DA CÂMARA DO REI ♦ 134

- XX– A fuga de D. Luís ♦ 137
- XXI– A cutilada ♦ 141
- XXII– A caminho de Tunes ♦ 147
- XXIII– A Goleta ♦ 152
- XXIV– A Batalha da Goleta ♦ 156
- XXV– A quatro léguas de Tunes ♦ 161
- XXVI– A Batalha de Tunes ♦ 164
- XXVII– O anjo de Tunes ♦ 167
- XXVIII– O batismo da bela mourisca ♦ 171
- XXIX– De Cagliari a Barcelona — de solteiro a casado ♦ 177
- XXX– O regresso ao reino ♦ 182
- XXXI– A felicidade é uma borboleta ♦ 184
- XXXII– À mesa do rei ♦ 188
- XXXIII– O adensar das trevas no reino ♦ 192

AGRADECIMENTO ♦ 198

IMAGENS ♦ 199

BIBLIOGRAFIA ♦ 205

–I–
LISBOA



*O Preto só é gente
desde que vem a noite escura.
Tudo diz lá vem um homem
ao menos pela figura.*

*Dês que vem a manhã clara
que vem a raiar o Sol,
tudo diz lá vem um Preto
ninguém diz lá vem um homem*

(Jorge Fonseca, «Escravos de D. Teodósio I», in Arlindo Caldeira,
Escravos em Portugal, das origens ao século XIX.
Esfera dos Livros, 2017)

Lisboa, últimos dias de dezembro do ano do Senhor de 1567

Nasci um homem preto, vivi de corpo e alma como um branco. Nada mais sou do que um preto acorrentado na mente de um branco. Um branco engaiolado no corpo de um preto! Mas não é a minha cor que me incomoda, é o que o mundo faz dela!

Agora que penso no que foram e são, estes que julgo serem 67 anos da minha vida, ou pouco mais ou menos, que nem disso tenho certeza, vejo bem

que tudo em mim é uma antítese, até a alcunha que me deram, «Panasco»¹, quando não havia na corte fidalgo com melhor humor e agudeza de espírito do que eu, e que melhor e mais rápido se servia do português; pelo menos, nos dois últimos reinados² que servi. E, por certo, não haverá nenhum na corte deste jovem rei, D. Sebastião, à qual também por lei sirvo, mas há muito que já lá não compareço.

Ainda assim, foi «Panasco» a alcunha que me deram! Estou certo de que para melhor me ofenderem, quando a agudeza de espírito lhes faltava e, quando a evidência da cor da pele, sempre sinónimo neste mundo de escravidão e ignorância, já não chegava...

Não sei que pior castigo me poderia dar Deus, nosso Senhor! E não me refiro ao ter nascido preto, mas à consciência da injustiça de o ser!

Já sei o que me ides dizer vós, a outra parte da minha consciência, que eu sei que parece que nasci como advogado e, sempre que uma voz se me depara e aparece na cabeça, outra logo vem para a contradizer; sim já sei que me direis:

— Tens muito de te queixar, ó Panasco, — sim, Panasco, que nisto da consciência há sempre uma voz que nos trata bem, e outra que, de costume, nos insulta, como, de resto, faz o mundo, qual anjo e demónio num só corpo, — tu que vieste para o reino como escravo, mas que na verdade nunca nem uma vergastada sofreste nessa tua pele negra como o carvão, nem uma marca de escravidão tens no corpo, tens algumas, mas são todas marcas de que um cavaleiro fidalgo branco padece na vida.

E responder-lhe-á a outra voz da minha consciência, a do branco merencório³ que sempre houve em mim:

— Não tenho marcas de preto no corpo, nunca me carimbaram⁴, nem

¹ «Panasco», em português, significa alguém rude, ignorante, boçal, lorpa; dizia-se à época de escravos recém-chegados de África que ainda desconheciam a língua do país e falavam aquilo a que os linguistas chamam «pidgin», um idioma de emergência, uma língua com regras próprias, mas de sintaxe e morfologia rudimentares e léxico restrito, muitas vezes com contributos de mais de um idioma; língua a que os portugueses chamavam «língua de preto».

² Rei D. Manuel I e rei D. João III.

³ «Merencório» era a palavra usada no século XVI para melancólico.

⁴ «Carimbo» é uma palavra que deriva do quimbundo «Kirimbu», significando marca, referindo-se às marcas feitas com ferro em brasa, geralmente no ombro e no braço, no tráfico de escravos, para indicar os donos e proprietários antes do embarque para as Américas e restantes partes do mundo.

ferraram⁵, nunca me puseram ferros⁶, nem chicotearam, nem flagelaram, nem pingaram⁷... é certo, mas tenho-as todas na alma por aqueles que o foram e conheci.

Nasci com esta horrível necessidade de justiça, ou com uma grande sensibilidade à falta dela, não sei... regido pela influência de Júpiter, diria um astrólogo a um branco, salientando-lhe o aspeto afortunado. Condenado à sua influência, diria o mesmo astrólogo a um negro!

E em todos estes anos que os meus olhos viram o Sol nascer, o máximo de justiça que consegui para os negros junto do meu rei, D. João III, foi que ele proibisse os ferros no rosto e acabasse com a escravatura na Mina⁸, o que já não é mau, dirão alguns, até com espanto e admiração, mas o justo era acabar com ela no império português, para não dizer no mundo!

Quem nasce escuro carrega logo sem saber a cruz do mundo às costas, e essa injustiça quanto à cor não parece ter remédio, por mais voltas que a Terra dê ao Sol, nunca me conformei.

Por isso, bebo, até me dormir a alma.

Talvez pela sorte que tive, acho que nasci da cor errada, porque sempre me senti igual a qualquer branco na cor, e português de alma e coração, já que «os pretos são escravos e vivem a rir e os brancos são senhores e só se veem a chorar», dizem os estrangeiros que visitam o reino, sou eu assim... branco, apesar de o espelho insistir em mostrar um negro, bem negro, nascido, ao que me disseram, no Congo.

E se isto a mim próprio confesso, é porque me sinto a morrer... Ou assim, já há tempos, o desejo. Nada mais que ame ou tivesse amado vive, todos se foram já. Porque vivo eu?!

Não sei, porém, quando morrer, quem proverá do meu enterro, agora

⁵ Os escravos que tentavam fugir e eram apanhados eram novamente marcados a ferro em brasa, mas desta vez no local mais visível do corpo. Até 1524, em Portugal, era no rosto (a lei de D. João III, de 26 de fevereiro de 1524, mandava que, daí em diante, «se não ferrasse pessoa alguma no rosto (...), por não se afeiar a face do homem que é a melhor coisa que nele há», in Arlindo Manuel Caldeira, *Escravos em Portugal*, 2017, p. 211, segundo Duarte Nunes Leão, *Leis extravagantes...*, Quarta Parte, título II, fl. 120v).

⁶ Nos escravos que tentavam fugir, eram colocadas grilhetas nos pés e/ou argola de ferro no pescoço ligada por correntes a argolas de ferro em ambos os tornozelos por forma a dificultar a marcha.

⁷ Método de tortura que consistia em verter pingos de óleo, ou de outro líquido quente, na pele da vítima, que, em geral, estava presa e pendurada.

⁸ Castelo de S. Jorge da Mina; Feitoria da Mina; atual Elmina no Gana.

que penso nisso. Nem o que vai ser da minha alma, se cá não houver ninguém que por mim mande rezar as missas necessárias à salvação do purgatório. Ó Senhor, valei-me! Que de purgatório já tenho 67 anos ou mais, e já me chega. Ou não?!

Vivi vida de branco, não cuidei como devia ao meu corpo preto, da morte do corpo e dignidades da alma, sempre cuidei que, sendo fidalgo da casa real e cavaleiro de Santiago, fosse suficiente para que cuidassem da morte por mim. Mas o certo é que os Meneses, D. Duarte⁹ e D. João, o conde de Tarouca, que foram sempre a minha família, pelo menos no meu coração, estão há muito mortos. Toda a fidalguia por quem eu nutria amizade já tem, há anos, terra a cobrir-lhe o rosto: D. Jorge de Lencastre, mestre da Ordem de Santiago e meu amigo a quem por gosto servi, já jaz num ossário no Convento de Palmela. Aliás, logo após a sua morte, a ordem, visando a minha expulsão, o que felizmente não sucedeu, bem tentou limitar os membros, tendo até solicitado a intervenção do Papa. Designaram a norma «pureza de sangue», querendo, na verdade, chamar-lhe «alvura da pele». O meu rei¹⁰, aquele a quem tudo devo, morreu também; o infante D. Luís, seu irmão, com quem fui combater os Turcos em Tunes, morreu antes dele; até D. Francisco Coutinho, o conde do Redondo, sempre pronto a escarnecer da minha cor, mas que se eu adoecesse me vinha a casa visitar, já tem mármore por cima do corpo... Passados todos estes anos, até eu já acho graça ao que ele então — quando eu doente e preto como sou, claro está, me encontrava deitado na cama e envolto em lençóis e coberta brancos — me dizia: «Pareces uma mosca no leite, João Panasco.» Confesso que, na altura, tinha vontade de lhe bater, agora até saudades tenho dele.

Não me tornei confrade da Nossa Senhora do Rosário, que na morte cuida do enterro, funeral e missas dos negros, como manda a Santa Madre Igreja, que na morte somos todos iguais e Deus não vê cor nas almas que recebe, e ainda bem, porque já bem me chegam estes anos que tenho de luta constante, com a ironia e o sarcasmo sobre a cor da minha pele, e não me julgo capaz de aguentar mais isto, nem por alguns anos, quanto mais pela eternidade que no infinito já não se pode mais morrer...

Vivi eu como branco e agora sem filhos, sem Grácia, a mulher que amei, e já mortos os amigos que cultivei, que Deus tenha no seu regaço.

⁹ D. Duarte Meneses, capitão de Tânger (1508–1521) e governador da Índia (1522–1524).

¹⁰ D. João III.

Quem me preparará o corpo e me encomendará a alma para que morra em paz?

Não sei, e temo...

Corriam assim os pensamentos de João de Sá, de alcunha «Panasco», antes de passar pelas brasas, num cadeirão em frente ao fogo da lareira, e depois de ter já bebido várias canecas de cerveja, de que muito passou a gostar depois da batalha de Tunes, onde combateu e conviveu de perto com o imperador Carlos V, apreciador convicto deste néctar, e que, em Lisboa, João de Sá compra aos frades trinitários, ou, quando a ele ou a algum dos criados não lhes apetece subir a colina, na taberna Todos os Santos, no Rossio, que se aproveitou do nome do vizinho hospital e da ironia, que, por sua vez, também a compram aos frades.

Já no céu o Sol se punha e António, nome após o batismo de Mukidin, seu criado javanês, e o que mais se preocupa com ele, hesitava se o havia de acordar e começar a preparar-lhe a ceia¹¹ ou deixá-lo dormir. Deixou cair de propósito a panela de ferro, onde se preparam os caldos no fogo da lareira da cozinha. Se fosse caso de ceia, ficava já a saber e começava a prepará-la, se o seu senhor fosse cear ao Paço Real, como lhe compete, melhor seria para o bem de todos, pensava António, para ele e para os demais serventes ainda havia ensopado do dia anterior.

— Que foi isto?! É terramoto? — Sobressaltou-se João de Sá, que em tempos de sua vida já vivera alguns bastante violentos.

— Senhor, não é terramoto, é o Sol que já vai posto...

— E amanhã voltará a nascer, António, que vos aflige no fenómeno?!

— A mim, nada, senhor, mas lembrei-me de que, estando a corte aqui em Lisboa, o que desde a morte do rei D. João III é bastante raro, e que tão poucos dias faltam para a entronização de D. Sebastião, e se acabar a regência do cardeal D. Henrique... não seria melhor, para vós, senhor, voltar a frequentar a corte e cair no real agrado?

— Temos recebido as minhas rendas?

— Temos, senhor, menos o penso para a mula... mas com a falta de cereais que há por todo o reino e no mundo, compreende-se...

— Então, não irei à corte, António Mukidin.

António era o nome português que lhe fora dado no batismo coletivo,

¹¹ À época, o jantar designava o atual almoço e a ceia, o jantar.

antes de embarcar para Portugal, a este seu criado javanês, «jaú», como dizem os portugueses, e a quem João de Sá deu a alforria assim que o comprou no Rossio. Mukidin era o seu nome javanês, e como os javaneses em geral só usam o nome próprio e só adquirem segundo nome após o casamento ou outro acontecimento significativo na vida, ele resolveu usar o seu nome como apelido no momento em que ganhou a alforria.

— Não irei à corte, já não é lugar para mim, António. Desde que as rendas continuem a vir e nos permitam viver, a mim e a vós, não irei à corte. Na verdade, já não era lugar para mim, nem nos últimos anos d'el-rei D. João III, meu amigo que Deus tenha...

— Porquê, senhor? Se sois cavaleiro da Ordem de Santiago e fidalgo real, não será a corte o lugar onde deveríeis estar, senhor? Se é que posso perguntar?

— E porque não haveríeis de poder perguntar?!

Mukidin encolheu os ombros, para não se repetir e evitar as palavras que ambos conheciam de cor, demais sabiam ambos que a intolerância reinava no reino e na Europa, e, por bem menos, as questões de um servente podiam ser consideradas insultuosas, e dar azo a umas quantas chibatadas. Mukidin nunca foi maltratado em casa de João de Sá, mas, sempre que ia à fonte buscar água, o que mais viam os seus olhos eram exemplos.

João de Sá continuou:

— Como te poderei explicar... foi gradualmente, como se a luz da corte se fosse sumindo, o coração do rei foi enegrecendo... a morte à sua volta foi-lhe quebrando o espírito. E, com o tempo, os poucos que na corte irradiavam alguma luz à sua volta foram morrendo, outros foram banidos e exilados... Seguiram-se os terremotos, a miséria e as pestes, e, claro, mais mortes, até que as trevas tomaram conta do reino... até não sobrar senão o braço e a mão severa da Igreja, que a tudo condena como pecado e heresia... Mas, já se sabe, por mais que se queimem bruxas e hereges nas fogueiras do Rossio, fontes de todos os males do reino, diz o Santo Ofício, mais se sente a miséria, as pestes e a morte, só os bispos e a Inquisição parecem prosperar e enriquecer...

— Mais um motivo para lá irdes, senhor. O rei é jovem, necessitará de alguém como vós que graceje com humor perspicaz e lhe faça ver os males que vão no reino.

— Não, António, se então, quando deixei de ir tantas vezes à corte, até os embaixadores, tanto portugueses como estrangeiros, diziam que o

paço se parecia mais com um convento do que corte secular, onde já não havia lugar para gracejos, muito menos advertências, sem se ir parar aos calaboiços da Inquisição, que se poderá dizer desta, em que o regente do reino é o infante cardeal e inquisidor-mor, e o rei de 13 anos não tem por outra companhia, desde os mestres aos servidores, senão homens da «companhia»¹²!

Logo depois da conversa com António Mukidin e de lhe tentar explicar porque é que nos últimos anos já não visitava a corte, foi-se lentamente deixando escorregar no cadeirão, até as chamas quentes do fogo lhe aquecerem as pernas e iluminarem o rosto.

Contudo, a memória, ao invés de percorrer as sombras que invadiram a corte no reinado do seu amado rei D. João III, tão iluminada de humanistas no início, mas logo varrida e assolada por incessantes misérias e tragédias, até que a partir de 1540 era tudo escuridão, ou, se calhar, logo desde 1525, quando tudo se ensombrou e dos humanistas não veio iluminismo, mas a obscuridade do ódio e ressentimento cego, foi para lugares mais longínquos.

Assim que fechou os olhos, viu-se menino, e a memória foi ora devagarinho, ora saltando, correndo os espaços e o tempo: de Tânger ao reino, de escravo a liberto e de servente a cavaleiro, de uma das mais prestigiadas ordens de cavaleiros da Europa.

¹² Jesuítas.